



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

## REFLEXÕES SOBRE UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO ESPAÇO VIVIDO DE FAMÍLIAS RURAIS RELACIONADAS À ATIVIDADE TURÍSTICA

Letícia Bartoszeck Nitsche<sup>1</sup>  
Salete Kozel<sup>2</sup>

### RESUMO

Numa perspectiva onde o turismo passa a ser desenvolvido como uma atividade complementar de famílias que vivem do trabalho no campo surge uma preocupação em descobrir que tipos de intervenções estão ocorrendo no espaço vivido destas pessoas. A perspectiva humanista da geografia abre esta discussão, valorizando os mundos particulares de cada indivíduo, relacionando-se com a esfera de mundo-vivido e seu recorte em espaço vivido. A fenomenologia surge como abordagem capaz de permear a complexidade do mundo vivido sem destruir seus significados. O objetivo deste artigo é fazer uma breve discussão sobre estes aspectos humanistas fenomenológicos da geografia como forma de encaminhamento de um estudo de caso, envolvendo o turismo em uma comunidade rural. A fenomenologia, com base nos princípios Husserlianos, nos conduz a essência do fenômeno, permitindo-nos vislumbrar a importância de se compreender o sentido do fato turístico, sem se ater ao 'fato em si'. São evidenciadas algumas características da fenomenologia, como a 'essência fenomenológica', as particularidades da relação sujeito-objeto, a redução ou 'Epoché', a perspectiva da experiência e a 'intencionalidade da consciência'. Nas considerações finais expõem-se algumas recomendações para a aplicação de um método fenomenológico pautado na experiência de espaço vivido de moradores rurais que trabalhem com turismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço vivido; mundo vivido; turismo; fenomenologia.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo, Especialista em Planejamento e Gestão do Turismo, Mestranda em Geografia (UFPR), Bolsista CAPES – e-mail: let@ufpr.br

<sup>2</sup> Doutora em Geografia (FFLCH/USP) Prof<sup>ª</sup> do Dep. de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFPR) – e-mail: skozel@ufpr.br

## **REFLECTIONS ABOUT A PHENOMENOLOGICAL APPROACH OF LIFE SPACE OF RURAL FAMILIES IN RELATION TO TOURISM ACTIVITY**

### **ABSTRACT**

In a perspective where the tourism becomes to be developed as one complementary activity of families which live of the farm work, appears a concern to find out the kinds of participation which appears in the life space of these people. The humanist geography perspective opens the door to dialogue, valorizing the particular areas of each individual discussion, relating them with the sphere lifeworld and its image in the life space. The phenomenology appears as an approach able to permeate the complexity of the lifeworld without destructing its meanings. The aim of this paper is to make a brief discussion about these humanist geographical aspects as a form of case studies, involving the tourism as a rural community. A phenomenology, upon Husserl's principles, lead us to the essence of the phenomenon, giving us the importance to understand the meaning of the tourism as a factor to the public, without to connect to the 'fact itself'. Some phenomenology are evident as a phenomenological essence, in particular relationship between subject-object, reduction or 'Epoché', a perspective of an experience and the 'intentionality of conscience'. In the final considerations, we show some recommendations to apply a phenomenological methods, based in an experience of life space of rural inhabitants that work in tourism.

**KEY WORDS:** life space; lifeworld; tourism; phenomenology.

## 1. INTRODUÇÃO

Uma prática de turismo alternativa vem aproximando o homem urbano da realidade do meio rural, proporcionando-lhe uma vivência com as famílias do campo, o conhecimento de novos valores e de estilos de vida diferente. Este tipo de turismo, conhecido como Turismo Rural vem se intensificando, sobretudo como uma atividade que gera renda complementar para famílias que vivem do trabalho agrícola.

Este tipo de turismo rural ligado à pequena propriedade vem sendo difundido internacionalmente como *agroturismo*, e no Brasil, também é incentivado sob o termo *Turismo Rural na Agricultura Familiar – TRAF* (Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2004), entre outras nomenclaturas encontradas.

Diferentemente dos centros turísticos convencionais, que prestam um tratamento padronizado para os grandes contingentes de turistas que chegam a todo o momento, o TRAF preza pelo acolhimento de pequeno número de visitantes, atendidos diretamente pelos membros da família anfitriã.

O contato que este tipo de turismo proporciona entre o visitante e o morador do campo, se funde numa experiência única e preciosa, porém, ao mesmo tempo, pode propiciar impactos prejudiciais a cultura local.

A geografia cultural, "aberta a novos desafios, com ênfase no significados dos objetos e ações humanas" (Mikesell, apud CORREIA, 2001, p. 28) se constitui em terreno fértil para abordar esta problemática, principalmente a partir das novas abordagens que se iniciaram em 1970.

Abordar um homem cultural, considerando seus sentimentos, valores e preferências é uma tarefa que envolve um exercício subjetivo do olhar, o qual encontra na fenomenologia, seu norte. Relph ao vislumbrar uma fenomenologia para a geografia, assim como Anne Buttimer e outros autores ajudam a conduzir as discussões a respeito da complexidade da experiência do mundo vivido dentro de uma visão fenomenológica.

Posto este desafio, opta-se por trilhar o caminho da Geografia Humanista nas suas bases fenomenológicas, que procura resgatar o homem, respeitando seus sentimentos, sua particular visão de mundo e sua ligação com os lugares de vivência e contato diário. O enfoque humanista adotado tem como cerne o conceito de espaço vivido como recorte do mundo vivido, enfatizando as experiências pessoais ligadas a valores e ao modo como os moradores de comunidades rurais percebem a presença do turismo no seu ambiente de vivência.

Partindo deste contexto cultural atrelado a um espaço vivido, o trabalho tem o objetivo principal de discutir o tema considerando a vertente humanista da geografia e a abordagem fenomenológica como encaminhamento de um posterior estudo de caso que contemple o turismo como atividade complementar de famílias rurais que vivem do trabalho no campo.

Ressalta-se a importância de se realizar estudos que visem o conhecimento de particularidades destas comunidades, principalmente porque envolvem sua vida pessoal e familiar no trabalho com o turismo, promovendo transformações que podem colocar em risco a sua identidade cultural.

Os sujeitos deste tipo de turismo rural ligados à pequena propriedade, prezando pelo acolhimento de pequeno número de visitantes, necessitam de estudos específicos já que os mesmos se diferenciam dos empresários do setor turístico, onde a abordagem se dá mais detidamente na esfera econômica, deixando o cultural como secundário.

## 2. SOB O OLHAR DE UMA PERSPECTIVA HUMANISTA DA GEOGRAFIA

A geografia vai mais além quando abre a possibilidade de estudarmos as “concepções geograficamente subjetivas do mundo, que existem na mente de inúmeras pessoas comuns” (Wright apud HOLZER, 1992, p.55), ao vislumbrar uma perspectiva chamada de humanista para a geografia. Esta abertura permite que a geografia passe a desenvolver estudos sobre a percepção das pessoas em relação ao seu ambiente de vivência, considerando também os saberes não científicos como fonte de conhecimento.

Ao se tratar da análise de famílias rurais no turismo, vislumbra-se a necessidade de considerarmos a percepção destas pessoas sobre a interferência da atividade turística no seu espaço vivido.

O tema estudado também utiliza-se da perspectiva de Tuan (1982, p.146) que contribuiu para o fortalecimento da Geografia Humanista difundindo que ela “tenta especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da consciência humana”.

Ao atribuir sentido ao “lugar” como categoria de estudo, Tuan revela que há uma relação afetiva deste com o indivíduo, marcada pelas suas experiências pessoais ligadas a valores e ao modo como percebe o meio ambiente. O sentimento de afeição (topofilia) ou rejeição (topofobia) aos lugares está ligado a este modo de perceber preconizado pelo autor.

A abordagem do espaço vivido onde o turismo está presente deve adotar este ‘sentido de lugar’, procurando investigar qual o seu significado para as pessoas locais.

Esta postura suscita a possibilidade de se lidar com uma multiplicidade de pontos de vista, exigindo sensibilidade do pesquisador para uma análise geográfica, o que vem a se opor aos métodos positivistas. O resultado estará ligado a várias formas de ver o mundo, porém nenhuma corresponderá a uma verdade absoluta e comprovável, uma vez que cada um enxerga sob um determinado ângulo.

As visões particulares do mundo divergem umas das outras, pois até mesmo os indivíduos de uma mesma cultura, que falam a mesma língua, podem percebê-lo e compreendê-lo diferentemente. Certos aspectos que possuem extrema importância em uma cultura podem ser indiferentes para outra, bem como cada grupo tem um modo de organizar-se como sociedade, intervindo nas formas do indivíduo encarar seu mundo, experienciá-lo e compartilhá-lo.

Os mundos pessoais passam a ter valor para a vertente humanista, inclusive ao aprofundar-se naquilo que ainda é uma porção incógnita, como a *terrae incognitae*<sup>3</sup> de Wright “... existem *terrae incognitae* pessoais, comunitárias e nacionais: há a *terrae incognitae* para tradições culturais e civilizações diferentes; e também há a *terrae incognitae* para a ciência geográfica contemporânea” (LOWENTHAL, 1982, p. 118)

Embora estejamos tratando de visões particulares, o modo com que elas são filtradas é afetado pelo contexto social e cultural em que estão inseridas. Destaca-se aí, o papel da experiência, elemento essencial na concepção de um espaço vivido que considera a participação de consensos coletivos, já que “o indivíduo examina a sua experiência e procura denominadores comuns na experiência dos outros” (BUTTIMER, 1982, p.185).

Utilizando-se do termo mundo vivido, Buttimer (1982, p. 172) explica que ele não é “um mero mundo de fatos e negócios [...] mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático”. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal.

---

<sup>3</sup> “*Terrae Incognitae: the place of the imagination in geography*”, publicada em 1947.

Partilhando da mesma terminologia, Relph (1979, p. 06) chama a atenção para um mundo-vivido cultural, onde passamos a maior parte da nossa vida diária e está cheio de significados para nós: espaços, ruas, edifícios, paisagens. Este, faz parte do 'mundo social e cultural' repleto de intersubjetividade, diferindo-se do 'mundo natural' que nos é dado e está pré-determinado antes de nascermos. Estes mundos se distinguem apenas tematicamente, pois na experiência estão inter-relacionados.

Kozel (2002) expõe que "somente uma leitura interiorizada do vivido humano pode nos permitir compreender os homens e conseqüentemente a sua organização espacial", entendendo como "mundo vivido" o "conjunto de coisas, valores, bens e mitos inerentes a um mundo subjetivo", mencionando ainda que este mundo é construído pela troca de significações, considerando o fato cultural como portador de sentido e gerador de significados.

Para este artigo, tiramos proveito da concepção humanista que procura desvendar o mundo pela lente do indivíduo com toda sua bagagem cultural e dele como parte de uma coletividade. Assim, não importa a generalização de resultados de pesquisa, mas a valorização dos diversos pontos de vista, munindo-se de uma atitude intersubjetiva na captação das informações.

Para este estudo a geografia humanista nos chama a atenção para investigarmos a concepção de mundo dos moradores rurais que recebem visitantes em suas casas, por meio da percepção que eles possuem do seu ambiente de vivência.

Este panorama exige uma visão que se oponha às concepções positivistas, conforme a crítica de Mello (1991, p. 96) ao defender uma corrente humanística "que procura interpretar a multiplicidade dos acontecimentos do mundo vivido, trabalhando, para tanto, com valores e sentimentos dos seres humanos, justo o oposto das perspectivas positivistas que não pretendem ou tampouco conseguem explicar o mundo vivido, com suas leis e teorias mecanicistas, acabadas e abstratas".

Também cabe aqui um enfoque que transcenda a geografia comportamental e os estudos de cognição, sendo capaz de contemplar a percepção da essência da visão de mundo dos habitantes rurais que trabalham com o turismo. A percepção acontece de forma subjetiva, a partir do seu espaço vivido e nele procuraremos como o elemento 'turismo' está representado e que tipo de relação existe entre a comunidade e esta atividade, com ênfase nos aspectos culturais.

Para tal, é preciso buscar a essência, que vai além dos dados de fato, deparando-nos com os princípios da fenomenologia, valorizando as interfaces com a experiência vivida e com a vertente cultural.

### 3. UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

A perspectiva fenomenológica permite explorar situações, valores e práticas com base na visão de mundo dos moradores rurais como os próprios sujeitos da pesquisa. Evidencia-se então, a necessidade de uma pesquisa que se sustente no saber dos indivíduos, atuando também como sujeitos, requerendo uma postura fenomenológica, que trate de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção.

Panosso Netto (2005, p. 137,138) apresenta a fenomenologia como uma abordagem para o estudo do turismo, visto que é uma análise capaz de conduzir o ser humano como principal sujeito do fenômeno turístico, e não o turismo apenas "como um *fato* gerador de renda, mas também como um *fenômeno* que envolve inúmeras facetas do existir humano".

A abordagem fenomenológica adotada tem base no pensamento de Edmund Husserl que consolida a fenomenologia como ciência dos fenômenos, com o objetivo

de descrever os modos típicos como os fenômenos se apresentam à consciência. Estas modalidades típicas são precisamente as essências ou significações, dos objetos visados pelos atos intencionais da consciência.

Toda consciência é *consciência de alguma coisa*. Assim sendo, a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos como percepção, imaginação, etc.

O conhecimento da essência não é conhecimento mediato, obtido através da abstração ou comparação de vários fatos, pois, para comparar vários fatos, é preciso já ter captado uma essência, isto é, um aspecto pelo qual eles são semelhantes (REALE; ANTISERI, 1990, p. 560)

Para atingir a essência do fenômeno efetua-se o processo de redução fenomenológica ou Epoché, afim de que a investigação se ocupe apenas das operações realizadas pela consciência, colocando entre parênteses toda a existência efetiva do mundo exterior.

### 3.1. Relação Sujeito-Objeto

Dentro do enfoque de que “a fenomenologia pretende ser *ciência de essências* e não de dados de fato”, assim como, “ciência de experiência, não, porém, de dados de fato” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 560), não há a pretensão de se obter uma verdade absoluta para este estudo calcada na generalização das informações coletadas pelo pesquisador como sujeito considerando a comunidade como objeto.

Ao contrário, pesquisador e ‘pesquisados’ se fundem entre sujeitos e objetos, pois a realidade observada, assim o é, incluindo o próprio observador como parte dela. Para entendermos melhor esta perspectiva, utilizamos o trecho de Husserl (*apud* SERPA, 2001, p. 117).

“percebo os outros – e percebo-os como existindo realmente – em séries de experiências simultaneamente variáveis e concordantes; e, por um lado, percebo-os como objetos do mundo. [...] percebo-os ao mesmo tempo como sujeitos para esse mesmo mundo: sujeitos que percebem o mundo, - esse mesmo mundo que eu percebo – e que tem por isso experiência de mim, como eu tenho a experiência do mundo e, nele, dos ‘outros’”

Assim, vemos o pesquisador também como um indivíduo que percebe o ambiente, filtrando-o por meio de sua experiência.

Esta posição corrobora a visão de Mello (1991, p. 94) sobre os fenomenólogos que “proclamam um retorno à experiência direta das relações corpo-sujeito e o mundo, como reciprocamente determinantes um do outro, não tratando o corpo como algo separado do ‘mundo exterior’.

Ao longo desta linha de pensamento, podemos compreender que a fenomenologia não se restringe apenas no modo subjetivo de conhecimento, descartando qualquer relação com o modo objetivo, pois nela também há uma idéia de intersubjetividade, defendida por Buttimer (1982, p. 175) como uma terceira alternativa que reconhece a validade de ambos:

“Enquanto o modo subjetivo concentra-se na experiência individual única, e o modo objetivo procura a generalização e proposições testáveis acerca da experiência humana agregada, o modo ‘intersubjetivo’ ou modo fenomenológico esforçar-se-ia para elucidar um diálogo entre pessoas individuais e a ‘subjetividade’ do seu mundo.”

Adotando este conceito, salientamos que uma pesquisa desta natureza oferece um caminho metodológico, inacessível de trilhar se não optarmos pela via da intersubjetividade.

### 3.2. A Essência Fenomenológica

Bello (2004, p. 80) destaca que na fenomenologia é muito importante a capacidade de intuição, a qual nos permite apreender, no sentido de captar o sentido das coisas. Em lugar de utilizar o termo sentido, utilizamos o termo essência (*eidós*). Como exemplo deste *apreender*, a autora utiliza o exemplo apresentado por Husserl em *Idéias I*:

“Se ficarmos calados, o que nós ouvimos? O que estamos escutando? Um barulho de máquina. Todos percebemos qual era o barulho? Sim, todos ouvimos o barulho. E nós sabemos o que é imediatamente este barulho? Captamos imediatamente a essência do barulho? Sim, nós conseguimos captar a essência do som, neste barulho. Esse é um barulho, mas também um som e nós sabemos também distinguir, logo, imediatamente intuimos o sentido do som. Da mesma forma, se nós fechamos os olhos e depois os abrimos, vemos a luz, captamos imediatamente o sentido da luz.”

Observa-se que intuir a essência se difere de perceber o fato em si, ou seja, ela se refere ao sentido atribuído ao fato, sendo capaz de identificá-lo. Dartigues (2005, p. 20) exemplifica que:

“Por numerosos que sejam os tempos e os lugares em que se fala do triângulo, por numerosas que sejam as inscrições de triângulos sobre os quadros-negros de todas as escolas do mundo, é sempre do mesmo triângulo que se trata. Esta identidade da essência consigo própria, portanto, esta impossibilidade de ser outra coisa que o que é, se traduz por seu caráter de necessidade que se opõe à ‘facticidade’, isto é, ao caráter de fato, aleatório, de sua manifestação.”

A essência é aquilo que traduz o ser como tal, ou conforme o exemplo, identifica o triângulo como triângulo, independentemente das circunstâncias e locais em que ele aparece.

Em se falando de facticidade, é inevitável não mencionarmos o tema da existência que apesar de ser estudado por filósofos como Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger com base em critérios fenomenológicos, há uma profunda diferença em relação à existência destes para aquela que Husserl coloca ‘entre parênteses’.

Ao adotar a perspectiva de Husserl, compreendemos que lidamos com uma “existência no sentido positivista (factualidade), ao passo que a existência na concepção dos existencialistas, é uma existência individual: ‘Eu existo, nós existimos’” (BELLO, 2004, p. 74). Então o concreto, o factual é o aspecto a ser colocado entre parênteses.

Ao isolarmos esta existência factual, evidencia-se a essência de cada objeto que percebemos, podendo haver “tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir...” (DARTIGUES, 2005, p. 20)

### 3.3. A Epoché ou Redução Fenomenológica

A Epoché ou redução à essência ou *redução eidética* é o primeiro passo do método fenomenológico para atingir a essência. Redução implica em tirar uma parte

sendo que permanece a outra, ou seja, tiramos a existência factual, sendo que permanece a essência (redução à essência). A existência fica de lado, ou seja, é colocada entre parênteses, para que possamos evidenciar a essência. (BELLO, 2004, p. 85)

### 3.4. A Perspectiva da Experiência

A experiência pretendida por Husserl é esta experiência de caráter perceptivo (BELLO, 2004, p. 88):

“Para introduzir a posição de Husserl a respeito, façamos um “experimento” semelhante ao anterior. Tomemos um copo: o que nós estamos fazendo agora? Estamos vendo um copo. Qual sentido utilizamos para isso? A visão. E eu que estou tomando o copo nas mãos, qual o sentido que eu estou utilizando? Dois: o tato e a visão. Eu estou utilizando as duas sensações: do tato e da vista. Nós nos damos conta de ver o copo? Sim. Temos consciência de ver o copo? Sim, pois nós estamos refletindo acerca do fato de que temos consciência do fato de vermos o copo. Vocês vêem apenas o copo? Vocês têm consciência das outras coisas que estão aqui a nossa volta, mas a reflexão, nesse momento, para onde vai? Somente na direção do copo. Quando nós vemos e tocamos o copo e temos consciência disso, o que nós estamos vivendo? A sensação de tocar e do ver: ou seja, nós estamos percebendo o copo. Esse *ter percepção* é vivido por nós, nós estamos vivendo a percepção. O ter percepção é vivido. Então, nós nos damos conta de perceber. E o que é esse perceber? Esse perceber é o fato de que estamos vivendo uma sensação: *estamos vivendo*.”

Utilizando o termo alemão, perceber é um *Erlebnis*<sup>4</sup>, é aquilo que nós estamos vivendo nesse momento através de uma sensação, é o registro da sensação, da qual temos consciência.

Apesar de termos consciência de termos visto ou tocado em algo, nem sempre registramos a experiência de viver estas sensações, de estar refletindo sobre elas. Então não podemos considerar que o *Erlebnis* ocorre constantemente, já que não estamos, a todo momento, refletindo acerca das sensações que temos, pois isto dependeria da intenção de fazê-lo.

### 3. 5. A Intencionalidade da Consciência

Retomando o exemplo do copo, podemos dizer que ele em si não é uma, uma vivência nossa (*Erlebnis*), pois ele simplesmente existe (existência) e está fora de nós. Mas o copo enquanto percebido é uma vivência nossa (enquanto percebido, não enquanto existência). O copo *existente* está fora de nós; o *copo enquanto percebido* está dentro de nós. Ele passa a fazer parte da nossa vivência quando é percebido, quando o perceber é dirigido para o copo, tende para o copo de forma intencional.

O nosso conhecimento pode captar as coisas, mas as coisas – enquanto objetos físicos – sempre permanecem fora de nós. Todavia, numa certa medida as coisas enquanto vivenciadas pelo perceber estão dentro de nós, ou utilizando um linguajar filosófico, são *imanes no sujeito*. Se examinarmos, o copo como existente fora de

---

<sup>4</sup> Em vez de utilizar toda essa frase comprida, na língua alemã é possível usar um substantivo, um vocábulo apenas, o que é o perceber? É um *Erlebnis*. *Leb* indica vida, *leben* significa viver e *er* é uma espécie de reforço que significa: estou vivendo *exatamente isso* nesse momento (BELLO, p.88)

nós, é *transcendente*. O que interessa particularmente a Husserl é a *análise da imanência*, no sentido daquilo que está dentro do sujeito, ao passo que o transcendente não lhe interessa, pois visa continuar o exame do sujeito (BELLO, 2004, p. 90).

Dartigues, (2005, p. 26) reforça que “A tarefa efetiva da fenomenologia será pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo”.

Ao pesquisarmos o mundo vivido, no seu recorte de espaço vivido, verifica-se que sua complexidade é extrema, conforme alerta Relph (1979, p. 04) “O mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos”.

Ao questionar sobre como desvendá-lo sem destruir a complexidade dos seus significados, o autor apresenta o ‘método fenomenológico’ como a melhor opção, pois este método varia de acordo com a situação estudada, já que se trata do que é experienciado no mundo-vivido e cada vivência é diferente da outra.

A fenomenologia não segue um padrão que permita repetir experimentos e encontrar os mesmos resultados, sendo que a intenção do método é descrever, não explicar os fenômenos da experiência imediata. Para tal, antes de tudo é necessário reconhecer a complexidade e ambigüidade do fenômeno, ao invés de procurar simplificá-lo e resolvê-lo, pois não é preciso ser universal para ter significado.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já que o turismo faz parte do mundo vivido de famílias rurais, um estudo fenomenológico deve se preocupar em descobrir qual o sentido deste fato (sem se ater ao fato) para estas pessoas.

Aplicando o primeiro passo do método fenomenológico defendido por Husserl, podemos concluir que a redução (Epoché) ocorrerá com tudo aquilo que envolve a estrutura e serviços necessários para esta atividade ocorrer, correspondente ao *fato turístico*. Assim sendo, no estudo do turismo proposto não se tem como foco a qualidade dos serviços, a renda gerada, as condições da infra-estrutura, a certificação dos produtos vendidos, a estratégia de marketing, entre outros elementos, mas interessa o sentido deste *fato* na localidade, ou seja, o valor dele para as pessoas que moram no lugar e tem suas vidas envolvidas neste processo.

A continuidade de um estudo como este pode combinar um método de pesquisa participante, onde o pesquisador tenha a oportunidade de vivenciar a experiência deste público no seu contato com as atividades turísticas. Aliados a estes aspectos vivenciais, o modo como estas famílias percebem o fato turístico no seu espaço vivido pode ser captada com o auxílio de técnicas como mapas mentais e entrevistas.

Neste estudo, em que a presença do turismo é o foco principal, a esfera humanista fenomenológica da geografia se apresenta como um caminho convidativo, capaz de apreender a teia de valores que envolvem o vivido humano e nele, seus aspectos culturais, com o propósito de captar o significado do turismo pelos olhos das pessoas do lugar.

## 5. REFERÊNCIAS

BELLO, A. A. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Organização e Tradução, Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar**. Brasília, 2004.

BUTTNER, A. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Christofletti, A. As perspectivas da geografia. São Paulo: DIFEL, 1982.

CORREIA, R. L. **Carl Sauer e a Escola de Berkeley**: uma apreciação. In: ROSENDAHL, Z.; CORREIA, R. L. (Orgs.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: trajetória de 1950 a 1990. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

KOZEL, S. **As representações no geográfico**. In: MENDONÇA, F.A; KOZEL, S. (Org.) *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

LOWENTHAL, D. **Geografia, experiência e imaginação**: em direção a uma epistemologia geográfica, 1961, p. 103-141. In CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982.

MELLO, J. B. F. **Geografia Humanística**: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: *Revista brasileira de Geografia*, v. 52, nº 4, p. 91-116. Rio de Janeiro: FIBGE, 1990:91.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia e Turismo**. Aleph, 2005.

REALE, G.; ANTISERI, D. **Edmund Russerl e o movimento fenomenológico**. In: \_\_\_\_\_ *História da Filosofia*. Vol III. São Paulo: EP, 1990.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. *Geografia*, v. 4, n. 7, abril,1979, p. 1-25.

SERPA, A. **Percepção e fenomenologia**: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. In: *OLAM Ciênc. & Tec.*, Rio Claro, Vol 1, nº 2 p.29-61, nov/2001.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.